



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO SANTO PADRE AO BRASIL

(30 DE JUNHO - 12 DE JULHO DE 1980)

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II NO ENCONTRO COM EMINENTES PERSONALIDADES DO MUNDO DA CULTURA

Rio de Janeiro, 1º de Julho de 1980

1. Sinto-me feliz por poder encontrar-me convosco, eminentes personalidades da cultura da Nação Brasileira. A cada um de vós desejo saudar cordialmente, manifestar o meu sincero apreço e o meu profundo respeito. Vós bem sabeis quanto e por que razões a Igreja estima e promove, naquilo que lhe compete, toda autêntica forma de cultura e busca manter comunhão e diálogo com ela.

O lugar de encontro entre a Igreja e a cultura é o mundo, e nesse o homem, que é um “ser-no-mundo”, sujeito de desenvolvimento, para uma e para outra, mediante a palavra e a graça de Deus por parte da Igreja, e mediante o próprio homem, com todos os seus recursos espirituais e materiais, por parte de cultura.

A verdadeira cultura é humanização, enquanto que a não-cultura e as falsas culturas são desumanizantes. Por isso mesmo na escolha da cultura o homem empenha o seu destino.

A humanização, ou seja o desenvolvimento do homem, efetua-se em todos os campos da realidade na qual o homem está situado e se situa: na sua espiritualidade e corporalidade, no universo, na sociedade inumana e divina. Trata-se de um desenvolvimento harmónico, no qual todos os setores dos quais faz parte o ser homem ligam se uns com os outros: a cultura não diz respeito nem unicamente ao espírito nem unicamente ao corpo, como nem unicamente à individualidade ou à sociabilidade ou à universidade. A redução *ad unum* dá sempre lugar a culturas desumanizantes, nas quais o homem é espiritualizado ou é materializado, é dissociado

ou é despersonalizado. A cultura deve cultivar o homem e cada homem na extensão de um humanismo integral e pleno, no qual todo o homem e todos os homens são promovidos na plenitude de cada dimensão inumana. A cultura tem o fim essencial de promover o ser do homem e de proporcionar-lhe os bens necessários ao desenvolvimento de seu ser individual e social.

2. Todas as várias formas da promoção cultural radicam-se na *cultura animi*, – segundo a expressão de Cícero – a cultura do pensar e do amar, pela qual o homem se eleva à sua suprema dignidade, que é a do pensamento, e se exterioriza na sua mais sublime doação, que é a do amor.

A autêntica *cultura animi* é cultura da liberdade, que emana das profundezas do espírito, da lucidez do pensamento e do generoso desinteresse do amor. Fora da liberdade não pode haver cultura. A Verdadeira cultura de um povo, a sua plena humanização, não se podem desenvolver em um regime de coerção: “A cultura – diz a Constituição conciliar *Gaudium et Spes*, (*G. S.*, 59) – emanando da natureza racional e social do homem, tem uma incessante necessidade da justa liberdade para se desenvolver e deve-se-lhe reconhecer a legítima possibilidade de exercício autônomo segundo os próprios princípios”.

A cultura não deve sofrer nenhuma coerção por parte do poder, quer político quer econômico, mas ser ajudada por um e por outro em todas as formas de iniciativa pública e privada conformes com o verdadeiro humanismo, com a tradição e com o espírito autêntico de cada povo.

A cultura que nasce livre deve ademais difundir-se em um regime de liberdade. O homem culto tem o dever de propor sua cultura, mas não a pode impor. A imposição contradiz a cultura, porque contradiz aquele processo de livre assimilação pessoal por parte do pensamento e do amor, que é peculiar à cultura do espírito. Uma cultura imposta não somente contrasta com a liberdade do homem, mas põe obstáculo ao processo formativo da própria cultura, que na sua complexidade, desde a ciência até a forma de vestir-se, nasce da colaboração de todos os homens.

A Igreja reivindica em favor da cultura, e portanto em favor do homem, tanto no processo do desenvolvimento cultural quanto no ato de sua propagação, uma liberdade análoga àquela que na Declaração conciliar *Dignitatis Humanae* reclama para a liberdade religiosa, fundada essencialmente sobre a dignidade da pessoa inumana, e conhecida seja por meio da palavra de Deus seja através da razão (cf. *Dignitatis Humanae*, 2).

Ao mesmo tempo em que respeita a liberdade, a cultura deve promovê-la, isto é deve buscar aparelhá-la com as virtudes e hábitos que contribuem para formar o que Santo Agostinho chamava a *libertas maior*, isto é, a liberdade no seu pleno desenvolvimento, a liberdade em um estado moralmente adulto, capaz de opções autônomas diante das tentações provenientes de qualquer forma de amor desordenado de si mesmo. A cultura plena compreende a formação moral, a educação para as virtudes da vida individual, social e religiosa. “Não há dúvida – dizia

em meu recente discurso à UNESCO – que o fato cultural primário e fundamental é homem espiritualmente maduro, isto é o homem plenamente educado, o homem capaz de educar-se a si mesmo e de educar os outros. Não há dúvida tampouco de que a dimensão primeira e fundamental da cultura é a sadia moralidade: a cultura moral” (João Paulo II, *Discurso à Unesco, 2 de junho de 1980*).

3. A cultura, cultivo do homem em todas suas faculdades e expressões, não é somente promoção do pensar e do agir, mas é também formação da consciência. Por causa da educação imperfeita ou nula da consciência, o puro conhecimento pode dar origem a um humanismo orgulhoso puramente terrestre, a ação e o prazer podem originar pseudo-culturas de um produtivismo incontrolado, em benefício do poderio nacional ou do consumismo privado, tendo como consequência infaustos perigos de guerra e gravíssimas crises econômicas.

A promoção do conhecimento é indispensável, mas é insuficiente quando não é acompanhada pela cultura moral.

A *cultura animi* deve promover juntamente a instrução e a educação, deve instruir o homem no conhecimento da realidade, mas ao mesmo tempo educá-lo para ser homem na totalidade do seu ser e de suas relações. Ora o homem não pode ser plenamente o que é, não pode realizar totalmente sua humanidade, se não vive a transcendência de seu próprio ser sobre o mundo e sua relação com Deus. A elevação do homem pertence não somente a promoção de sua humanidade, mas também a abertura de sua humanidade a Deus.

Fazer cultura é dar ao homem, a cada homem e à comunidade dos homens, dimensão inumana e divina, é oferecer e comunicar ao homem aquela humanidade e aquela divindade que emanam do Homem perfeito, do Redentor do homem, Jesus Cristo.

Na obra da cultura Deus fez aliança com o homem, tornou-se ele mesmo operador cultural para o desenvolvimento do homem. “*Dei agricultura estis*”, exclama São Paulo: “Vós sois cultura de Deus” (1Cor 3,9).

Não tenhais medo, Senhores, abri as portas do vosso espírito, da vossa sociedade, das vossas instituições culturais, à ação de Deus, que é amigo do homem e opera no homem e pelo homem, para que este cresça na sua humanidade e na sua divindade, no seu ser e na sua realeza sobre o mundo.

Na aliança que, através da cultura inumana, se estabeleceu entre Deus e o homem, este deve imitar a Deus no seu infinito amor.

A obra cultural é obra de amor, obra que procede daquele amor social, cuja necessidade apontei em minha primeira encíclica “*Redemptor Hominis*” (cf. *R. H.*, 16). Há carência de amor social

quando, por falsa de estima para com os outros, não se respeita a pluralidade das culturas legítimas, mas se quer impor a própria cultura, que não é nem única nem exclusiva, a populações economicamente e politicamente mais débeis. Recordemos o que diz o Concílio: “Numerosos países economicamente pobres, mas ricos de sabedoria, poderão prestar ajuda aos outros quanto a este ponto” (*Gaudium et Spes*, 15).

4. A unidade cultural de um País geograficamente vasto como o vosso, e no qual se amalgamaram numerosas tradições e vários processos históricos, não nasce de uma uniformação da cultura, mas de uma pluralidade unificada pelo respeito mútuo, pelo reconhecimento das peculiaridades culturais, pelo diálogo que enriquece, a uns com os valores e as experiências dos outros.

5. Penso cumprir um elementar dever de justiça, se evoco neste ponto a obra cultural desprezenciosa, mas exemplar, que foi a da Igreja neste País.

Nesta obra encontramos todos os aspectos da cultura que até aqui relembramos. Com efeito, desde os primeiros anos, através de seus missionários, a Igreja começou a transmitir aos aborígenes, junto com a revelação do Evangelho, o conhecimento das coisas. Este consistia na instrução e na alfabetização, sem dúvida, mas não menos prezava o esforço por aprimorar, sem deformar nem adulterar, elementos básicos da cultura indígena. Ao longo dos séculos, através das missões entre índios e sertanejos, através de escolas e Universidades, através de hospitais e asilos, através dos seus meios de comunicação social, a Igreja continua a der uma contribuição válida à obra cultural. Neste domínio julgo importante sublinhar que a mensagem da Igreja não esteve alheia tampouco à harmonia e ao equilíbrio com que se processou o caldeamento das mais diversas raças.

Tomando a cultura no seu sentido mais amplo devemos dizer do Brasil o que o *Documento de Puebla* diz da América Latina: a Igreja se encontrou historicamente na raiz da cultura deste País.

6. Uma obra que respeita a cultura originária de um povo, permitindo seu desenvolvimento e difusão e facilitando o diálogo com outras culturas, é a alfabetização.

Lemos na “*Populorum Progressio*”: “Um analfabeto é um espírito subalimentado. Saber ler e escrever, adquirir uma formação profissional é retomar confiança em si mesmo e descobrir que se pode progredir juntamente com os outros”(Paulo VI, *Populorum Progressio*, 35).

Ao lado desta e de outras formas de subalimentação do espírito é necessário considerar o grave estado de depressão em que se encontram inteiras populações por causa de suas condições econômicas. Os povos economicamente mais ricos e industrialmente mais desenvolvidos geraram o consumismo, que se encontra na origem de desequilíbrios cada vez mais acentuados entre povos ricos e povos pobres, entre populações de um mesmo estado. A isto me referi na

minha encíclica “*Redemptor Hominis*”(n.16).

A estas situações deve levar remédio o amor social vivificado pela caridade. Construí juntos, Senhores, uma civilização da verdade e do amor, criai uma cultura que promova sempre mais o homem e facilite sua evangelização, ajude-o a crescer em sua dimensão: inumana e divina,; a reconhecer o valor do próprio ser, o sentido de sua existência, a conhecer e a amar Cristo no qual Deus se revelou plenamente a cada homem e a cada povo.